

REVISTA DE TURISMO

PUBLICAÇÃO QUINZENAL
DE TURISMO, PROPAGAN-
DA, VIAGENS, NAVEGA-
ÇÃO, ARTE E LITERATURA

PROPRIEDADE DA EMPRESA DA
REVISTA DE TURISMO

LISBOA, 20 DE MARÇO DE 1917

ANO I—N.º 18

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA
PAGAMENTO ADEANTADO

ANO 1 600 BRAZIL
SEMESTRE 850 ANO 7 400

NUMERO AVULSO 5 CENTAVOS

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO

REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO

EDITOR: ANNIBAL REBELLO

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: LARGO DA ABEGOARIA, 28 — TELEPHONE 2337-C. — LISBOA

EM PROL DO TURISMO

ENTREVISTA COM O SR. DR. JOSÉ DE ATHAYDE,
ILUSTRE DIRECTOR DA REPARTIÇÃO DE TURISMO

—O sr. Dr. está? perguntámos a um digno homem, continuo da Repartição do Turismo.

—Sim senhor.

Vemos que o sr. Dr. quando está, está sempre, não precisando o continuo de ir certificar-se, depois de informado do nosso nome. Ficámos bem impressionados com este systema de tratar as pessoas que o procuram.

Entrámos no gabinete do sr. Dr. Athayde, que nos recebe com um sorriso; e com um gesto indica-nos uma poltrona ao lado da mesa onde elle trabalha.

—Vimos talvez incomoda-lo? arriscámos.

—De maneira alguma. Tenho aqui muito que fazer, é certo, mas, isso não impede que eu lhe dê a atenção que a *Revista de Turismo* me merece—respondeu sem uma sombra de enfado.

Efectivamente as rimas de papelada em cima da sua vasta secretaria, atestam bem o que acabava de dizer.

—Os fins da nossa visita são simples, e breves. Quer a *Revista de Turismo* que V. Ex.ª lhe diga alguma coisa sobre a obra d'esta repartição, em prol do Turismo.

—A obra d'esta repartição, é já grande—começa o sr. dr. Athayde, assistando o seu inseparavel monoculo. Duas coisas porém nos tem preocupado mais, a questão dos hotéis e dos transportes. Da primeira, temos-lhe votado grande interesse, já fazendo promulgar a lei dos hotéis, que depois de mil e umas peripecias foi afinal votada, já organisando o congresso hoteleiro, que se realisa para o mez que vem e para o qual já aqui temos



DR. JOSÉ DE ATHAYDE

varias theses e ainda dando indicações aos hoteleiros, o que elles muito precisam.

«Compreende V. que não pode haver turismo desde que não haja hotéis, estradas e facilidades de transportes. Quanto a estradas, temos já estudado e prompto a ir á apreciação do governo, pois no caso de o aprovar, o fazer converter em lei. Uma vez elle aprovado julgamos resolvido este importante assumpto. Por elle serão classificadas as estradas de turismo e será para ellas destinada maior verba, ou

seja 20 por cento a mais das outras estradas.

«V. sabe, uma rede deficiente de estradas como nós temos, e essas mesmo cheias de covas, é um cahos para quem tem de utilizar um automovel, que é sem duvida, o mais importante auxilio para o grande turismo.

«N'esse projecto estabelece-se um pequeno imposto a todos os vehiculos, importancia essa que será destinada exclusivamente ás reparações de estradas. Esse pequeno imposto pouco representa para os proprietários dos vehiculos, visto a facilidade da tracção e da economia em reparações.

«O fundo de viação que todas as camaras municipaes dispõem é em regra pouco aproveitado; e ainda ha pouco tempo, era ele que pagava outras despesas, como seja, construcção de cemiterios, chafarizes, etc., 61 pedidos n'essas condições contei eu ha anos em poder do ministro do Fomento.

—E quaes são as estradas de turismo, a que V. se refere?

«As que ligam sedes de districtos, as que servem praias, thermas, e localidades recomendadas pelo turismo.

Depois o sr. Dr. Athayde fala com entusiasmo, da facilidade que resultaria para os transportes de turismo, as estradas estarem bem conservadas, o que seria um encanto para os automobilistas e um justo renome para o nosso paiz.

—E sobre hotéis: não pensa esta repartição ter uma interferencia, fiscalizando a sua exploração?

—Certamente, acudiu; é esse o meu grande sonho. Este Conselho fiscalizará os hotéis, os que são dignos d'este nome, dando-lhes indicações sobre a sua melhoria; mas para isso é preciso a aprovação de uma lei, sobre o assumpto já em poder do ministro do Fomento.

Então talvez se possa sahir d'este ramerrão e entrar-se a serio no bom caminho da exploração hoteleira.

—E sobre a criadagem?

—E' esse um dos assumptos principaes da minha these ao congresso hoteleiro, a reunir em abril proximo, como já lhe disse—respondeu.

—E sobre os passageiros que logo que terminar a guerra não-de invadir o nosso paiz em direcção á França, tem esta repartição feito alguma coisa?

—Sim, respondeu, limpando o monoculo, tambem nos preocupa, e alguma coisa havemos de fazer de proveitoso. Temos grande quantidade de folhetos de propaganda, que mandaremos para o Brasil, Argentina, etc., e ainda outras ideias, que por agora não lhe posso dizer.

Levantámo-nos, e já de chapéu na mão o sr. Dr. Athayde, disse-nos ainda:

—Tinha muitas outras coisas a dizer-lhe mas de pouco valor, pelo que não merecem referencia, sendo muitas já conhecidas do publico.

O que nos disse aquele distincto funcionario foi o mais importante; e uma vez conseguido, é sem duvida um grande passo dado a favor do turismo.

Sahimos. Na sala de espera duas pessoas aguardavam a vez de falar ao nosso entrevistado; e ao descermos a larga escada, onde cartazes de varios formatos annunciavam estancias de aguas mineraes lá de fóra, lembrámo-nos do pouco interesse que a algumas estancias de aguas mineraes portuguezas merece a propaganda; e quando a fazem, peca por deficiente ou mal orientada em cartazes sem gosto, e cheios de palavras inuteis.

CONGRESSO HOTELEIRO

Em 28 e 29 de abril proximo, que se deve realizar este congresso promovido pela Repartição de Turismo. Ha já muitas adhesões; entre as quaes, varias companhias de caminhos de ferro, empresas de aguas mineraes, e muitos hoteis.

Ao congresso serão apresentadas varias theses; do Sr. Dr. José d'Athayde, director da Repartição de Turismo; Sociedade de Propaganda de Portugal; Propaganda e Defesa de Coimbra; Engenheiro Manuel Roldan; Dr. Bentes Castel Branco e do nosso redactor principal.

No proximo numero daremos o programma do congresso.

A GUARDA FISCAL NOS CAMINHOS DE FERRO

DIZIA Eça de Queiroz, que nada n'este mundo havia de mais fragil que a reputação das nações. Uma simples carruagem de praça que faltasse á chegada d'um comboio, era o bastante para que a melhor fama de um paiz derruisse aos olhos d'um estrangeiro.

O mesmo acontece nas estações de caminho de ferro, quando esse estrangeiro abre as malas diante do *argus* da guarda fiscal. Se esse esteio das finanças alfandegarias, é um homem delicado, atencioso, sem mesmo deixar de ser cumpridor do seu dever, o viajante fica bem impressionado, de contrario, enche-se logo de um mau estar, que difficilmente se lhe dissipa.

Viajámos ha pouco tempo pela nossa visinha Hespanha e ficámos maravilhados como este paiz soube educar o seu pessoal aduaneiro, tão rude e... tão mal vestido.

Era inverno, e ao chegarmos á estação hespanhola, dois guardas, rigidamente perfilados, dentro do seu fato superiormente limpo, esperavam o comboio; na plataforma mal este parou subiram á carruagem e com uma delicadeza absoluta, verificaram, não todos os nossos volumes de mão, falaram com uns estrangeiros, num francez, muito razoavel, e sahiram, mantendo sempre a mesma dignidade.

O comboio abalou, e fomos a scismar na maneira tão correcta como o visinho reino recebe os seus visitantes.

A' volta, na fronteira portuguesa vamos á Alfandega com as malas—não sabemos porque os guardas não sobem ao comboio—e somos recebidos por um empregado aduaneiro, muito correcto e digno, mas os empregados da guarda fiscal, puzeram-nos na cara uma mascara de vergonha.

Sujos, com a barba de quinze dias, com um fato que não tinha sido feito para eles, e uma delicadeza relassa de criadão galego, para uns viajantes; e arrogantes, mal creados, para outros; farejando uns inocentes cigarros ao fundo das malas e lenços de seda de fancaria hespanhola.

Chamámos a atenção do digno director do posto alfandegario, para aquela vergonha, e ele baixou os olhos, indo dizer umas coisas ao terrivel *argus*, que ainda vociferou com ele, pois cheirava-lhe a contrabando, e podia d'ali receber uns patacos, de percentagem da odiosa multa.

Sahimos envergonhados, e mais envergonhados ficámos com os qualificativos, que um viajante fez depois na carruagem, ao nosso paiz.

Estamos bem ao facto da melhoria que este serviço vem progressivamente fazendo ha anos, mas muito mais ha ainda a fazer.

Porque se não hade criar dentro da guarda fiscal,—aliás bastante numerosa—uma classe superior, para o serviço das estações internacionaes e das de Lisboa-Rocio e Porto?

Essa classe, que era pequena, seria constituída pelos guardas fiscaes mais ilustrados, e de melhor apresentação, sendo para isso sugeitados a um exame, e sendo-lhe abonado um soldo maior, o que não arruinarla o orçamento fiscal.

Crear-se-hia para esse efeito um curso de francez para que eles pudessem tratar com estrangeiros.

Bem sabemos que a legião enorme de funcionarios publicos, que sugam o thesouro nacional, não permite, facilmente, pagar melhores ordenados áquelles que o merecem, mas quando se trate da melhoria de serviços que tão proveitoso interesse trazem ao paiz, todos os sacrificios são possiveis.

E' pois ao sr. comandante da Guarda Fiscal que levamos as nossas supplicas, é á Repartição de Turismo e Propaganda de Portugal que lhe lembramos mais este serviço ao paiz, junto a tantos outros que já tem feito para o seu progresso.

E já que estamos a tratar na guarda fiscal, lembrámos mais que, seja feito em todos os comboios que tem carruagens directas entre Portugal e Hespanha, o serviço de *Sud Express*, de verificação dos volumes portateis nas carruagens, para assim caminharmos a par das outras nações.

PALACIO DE CINTRA

VÃO muito adiantadas as obras da grande esplanada do historico Paço de Cintra. Com a demolição dos barracões visinhos todo o edificio fica desafrontado.

Em redor está sendo colocada uma elegante balastrada de pedra, com recantos para plantas; o que depois de concluido deve produzir um efeito magnifico.

A GUERRA E O TURISMO EM PORTUGAL

PRECIOSO sangue é o nosso — o d'este bom povo luzitano! Embora tendenciosamente calmo, disfrutando saborosamente o seu curso natural na placidez d'um invejavel com-modismo, elle agita-se, movimenta-se e corre pressuroso nas veias se um entusiasmo faz vibrar as nossas almas, se um sonho o excita, se uma idéa positiva lhe dá alento.

Sempre foi assim. Não tem meio termo.

Nos periodos normaes em que reina, apenas, a paz tranquilla d'uma vida burgueza, elle exerce, com precisão mathematica, as funções que lhe competem no nosso organismo. Manifesta-se uma idéa que o acalenta, um esforço que o entusiasma ou um pensamento que o irrita e ei-lo irascivel, impulsionador, aguerrido mesmo, conduzindo-nos á ouzadia d'uma empreza, á satisfação do nosso dever ou ao cumprimento da nossa obrigação.

Bello povo! Sempre bom povo!

Fomos desperta-lo do somno lethargico que mysticamente o envolvia e mostrámos-lhe que o seu futuro não estava já propriamente nos mares, mas no desenvolvimento d'uma industria para elle ainda desconhecida.

Indicámos-lhe onde se buscavam as materias primas para a exploração d'esse manancial de receitas, d'essa fonte inexgotavel da felicidade humana; e eis que começa a acordar, a abrir os olhos, a escutar-nos e a interessar-se pelo assumpto, como que sentindo nascer-lhe a esperança d'um risonho futuro.

E' assim que já por toda a parte se ouve a voz em grita, como o clarim tocando o *álerta!* — incitando e enthusiasmando os que, directa e indirectamente, podem contribuir para a expansão do turismo em Portugal.

De todos os lados, se attrahem as attentões n'uma concentrica convergência sobre esse monumental assumpto, se alvitram idéas para o seu desenvolvimento, se architectam planos para a sua effectivação,

A nossa obra tem, felizmente, encontrado quem a secunde. O nosso brado tem echoado por todo o nosso Paiz e a nossa idéa tem encontrado sempre applauso vibrante e defeza calorosa, a par de valiosos incitamentos e de poderosos propagadores. Nos jornaes da capital e principalmente nos das provincias, vemos lisongeiramente secundada esta obra patriótica, não só com a vehemencia das gran-

des convicções, mas com a paixão extreme dos commettimentos de vulto.

O «Defensor», das Caldas da Rainha, é um dos órgãos provincianos que mais se tem evidenciado n'esta ardua empreza em que tomamos uma activa parte, acompanhando-nos com a bravura dos intemeraveis campeões.

E' do nosso prezado collega sr. Pires Machado, Redactor principal de aquelle semanario o artigo que, sob o titulo que nos serve de epigraphe, foi publicado no seu penultimo numero e que gostosamente passamos a transcreever, com a devida vénia:

«E' velho habito do nosso paiz, percorrerem, as familias burguezas o que de menos extraordinario tenha qualquer ponto do estrangeiro, abdicando do que possuímos de melhor, preterindo mesmo as paizagens encantadoras da nossa terra, a nossa arte, os nossos padrões historicos, que traduzem no burilado da pedra as estrofes dos *Luziadas*, ou o murmurar d'um Oceano que nos heijará eternamente, pelas *nuanças* d'uma veligiatura atravez Biarritz, San Sebastian, Lourdes, etc.

Eu admirava os pontos mais culminantes da civilisação, antes que os seus requintes na Europa me desvendassem o maior abysmo de todos os tempos. Vivendo um sotiho de pacifismo iludivel, eclipsavam-se-me as baionetas germanicas com os volumes dos tratados e concordiats das conferencias da Haia.

Julguei o mundo transformado n'um Eden, em um perfeito Paraizo. E quando avaliava a humanidade levantada moralmente por uma paz solida, perfeita, abriu-se escancaradamente o descalabro de que ainda somos testemunhas!

O burguez não vae hoje ao *boulevard*, ao Louvre, não toma banhos de sol pelas praias do Mediterraneo, não bebe agua em Lourdes ou joga em Monte-Carlo, porque não encontra actualmente a vida dos bons tempos. O mundanismo da aristocracia termina sempre quando urge qualquer cousa de mais util; e hoje impõe-se alli a defeza da Civilisação. Qualquer *dandy* seria recrutado para *poilu*, e isso exorbitava dos habitos dos que linfaticamente ou por profissão coxeiam mesmo onde o trabalho utilitario carece de intensificar-se.

D'ahi advem o phenomeno que fatalmente havia de surgir: levantar-se

o turismo nacional. Esta industria, recente no nosso meio, ainda se não radicou convenientemente nas areias portuguezas. Como, porém, andamos arredados meio seculo das manifestações progressivas de qualquer outro paiz, é de esperar que os nossos netos a tenham prospera. Mas justo é registrar-se os esforços de meia duzia de *carolas*, inauditos, incriveis. Uns criam a «Propaganda de Portugal», outros a Repartição de Turismo, outros a *Revista de Turismo*.

E tudo perpassa pela vista do bello povo portuguez com o descolorido, a glacidez, a indifferença que o boçal aldeão pode dispensar ao relato parlamentar d'uma sessão agitada...

A guerra colloca-nos n'uma situação excepcional. Eramos um paiz de fer-teis recursos artisticos, pitorescos, historicos, etc., para nos constituirmos n'uma nação acentuadamente turista. Não ha industria igual para solicitar iniciativas, mas nós temos só, por temperamento e educação, imitamos. Ella é, por assim dizer, uma anáthese da nossa vida. No nosso paiz só vemos estender as suas vergontees exuberantes a frondosa arvore da empregomania; só se sonha com a reforma aos trinta anos, tendo-se por principios fundamentaes o commodismo do abdomen e morremos tranquilamente.

Isto é tradicional. Rimo-nos sarcasticamente logo que haja quem tenha o arrojo de nos alvitrar caminho diferente d'aquelle traçado pelos nossos paes á nascença. Não será a guerra actual o fim d'essa *chinezice*?

E' indispensavel quebrarmos de vez com esse mal!

O caminho, n'este momento, é um unico: cuidar da industria turista.

Apoz a assignatura da paz, o nosso paiz—caes da Europa—será sem duvida invadido por legiões de viajantes que além Atlantico virão visitar os pontos em que a guerra mais se accentuou.

¿E não seremos nós capaz de nos educarmos a ponto de visitar, como bons portuguezes, a nossa terra, antes que invadamos a estrangeira para não só prepararmos a nossa educação mas tambem a recepção a fazer aos que nos visitem? Isso dependerá—assim o julgo—d'uma grande tenacidade e de muito esforço, mas virá um dia em que tal acontecerá.

PIRES MACHADO

Por absoluta falta de espaço fomos obrigados a retirar o artigo «Misterio da Lagoa de Minde e Mira, e suas cavernas adjacentes» do nosso illustrado colaborador sr. Dr. Alfredo Ansur.

OS PROGRESSOS DA POVOA DE VARZIM

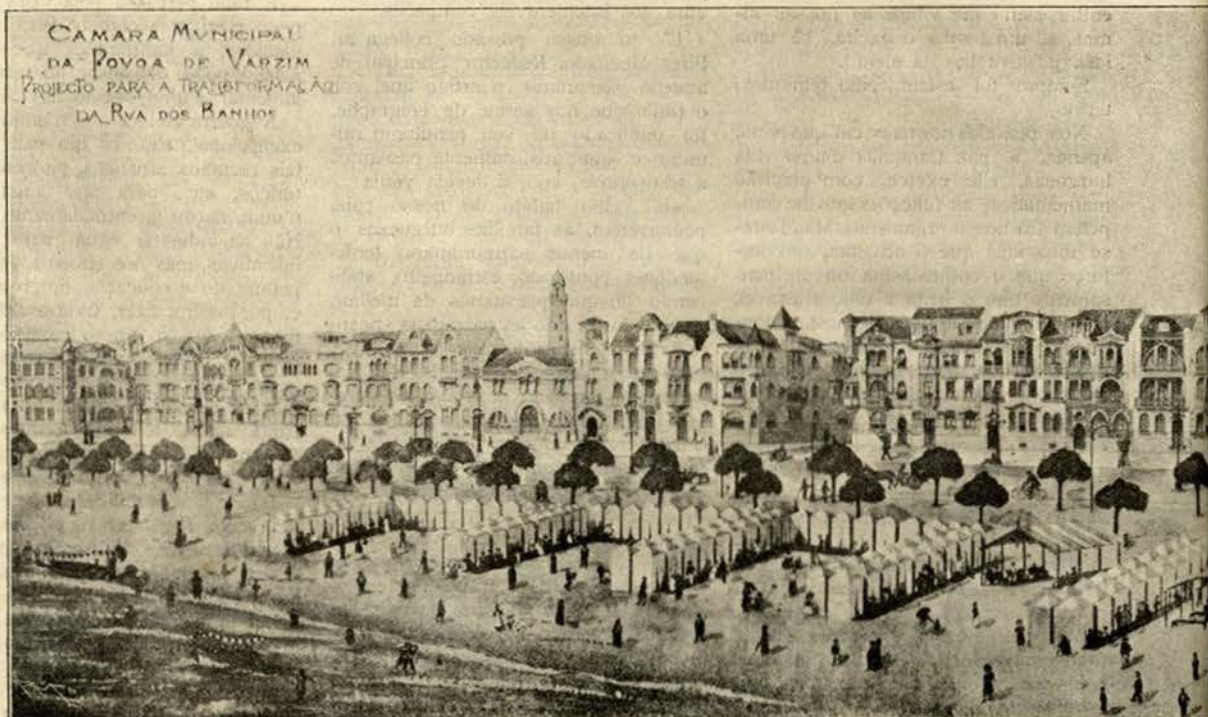
O PROJECTO DA NOVA AVENIDA DOS BANHOS

A *Revista de Turismo*, cumprindo a sua missão, vem hoje dizer algo sobre o grandioso projecto, em começo de execução na ridente vila da

outras em projecto, com bons edificios, como os Paços do Concelho, o Mercado, e em construção um edificio para Lyceu e Museu Municipal e em breve

O local onde está tendo começo de execução a nova avenida é o sítio occupado pela velha rua dos Banhos, com frente ao Oceano, um dos mais belos, mais maravilhosos pontos de vista marítimo das nossas costas.

Pois, n'uma terra tão progressiva, que, dia a dia, afirma a sua vontade de melhorar sob todos os pontos de vista, tem-se conservado aquele amontoado de construções, em geral velhas, disformes, quasi pardieiros!



Povoação de Varzim, projecto que terá como consequencia chamar áquela bela estancia balnear, não só os banhistas de norte do paiz, como os de parte da nossa visinha Espanha, e os turistas estrangeiros, quando visitem Portugal.

A arrojada tentativa, que é qualquer cousa, como fazer de uma estancia balnear de Portugal, até agora relativamente modesta, apesar de todas as melhores condições naturaes para ser uma das melhores da Europa, uma povoação, como na França ha Biarritz, em Espanha San Sebastian, e na Belgica, antes da sua invasão pelos alemães, Osterde, etc., etc.

As condições naturaes, são, como já dissemos esplendidas. A população, mais densa, mais comercial e mais industrial que a maioria das nossas cidades de provincia, é activa e bondosa.

Ha já bastantes avenidas, ruas, largos e praças modernamente construidas e

vae começar a de um Matadouro com todas as modernas exigencias hygienicas modernas, tendo já sido aprovado o respectivo projecto pelo Conselho Superior de Obras Publicas.

Todos estes melhoramentos, desde ha tempo introduzidos na Povoação de Varzim, se devem á activa e intelligente vereação municipal, á frente da qual se acha um cavalheiro de grande iniciativa, intelligencia e amor á sua terra natal, o Ex.^m Sr. Dr. David José Alves, que é quem tudo tem impulsionado, para fazer da Povoação de Varzim uma estancia balnear mundial.

A *Revista de Turismo*, folga de prestar homenagem ao digno presidente da edilidade povoense, como um benemerito, que, ao mesmo tempo que concorre para chamar o turismo á sua terra, tambem o chama ao seu paiz.

Mas, divagamos falando de tudo, menos do assumpto: «Avenida dos Banhos», que a nossa gravura esplendidamente reproduz.

Não podia o camartelo ser melhor aplicado! E bem fez a vereação da Camara Municipal da Povoação de Varzim em concordar com o alvitte do seu illustre presidente, deixando que ele se sirva d'essa ferramenta de derubamento, para que no lugar d'esse inesthetico aglomerado de barracas, surja a bela explanada que a nossa gravura representa!

O auctor do projecto, um homem novo ainda, mas, que já tem dado sobejas provas do seu valor, do seu grande talento e gosto artistico, é o sr. João de Moura Coutinho d'Almeida d'Eça, que, pelo seu nome as nossos leitores, ficam sabendo pertencer a uma das familias mais distinctas do paiz, é um trabalhador e estudioso incançavel e a atestar o genio artistico, lá está, entre outros importantes trabalhos dispersos por todo o norte do paiz, o bello Theatro-Circo, de Braga, no seu genero, o mais lindo edificio da Peninsula, elogiado por todas as

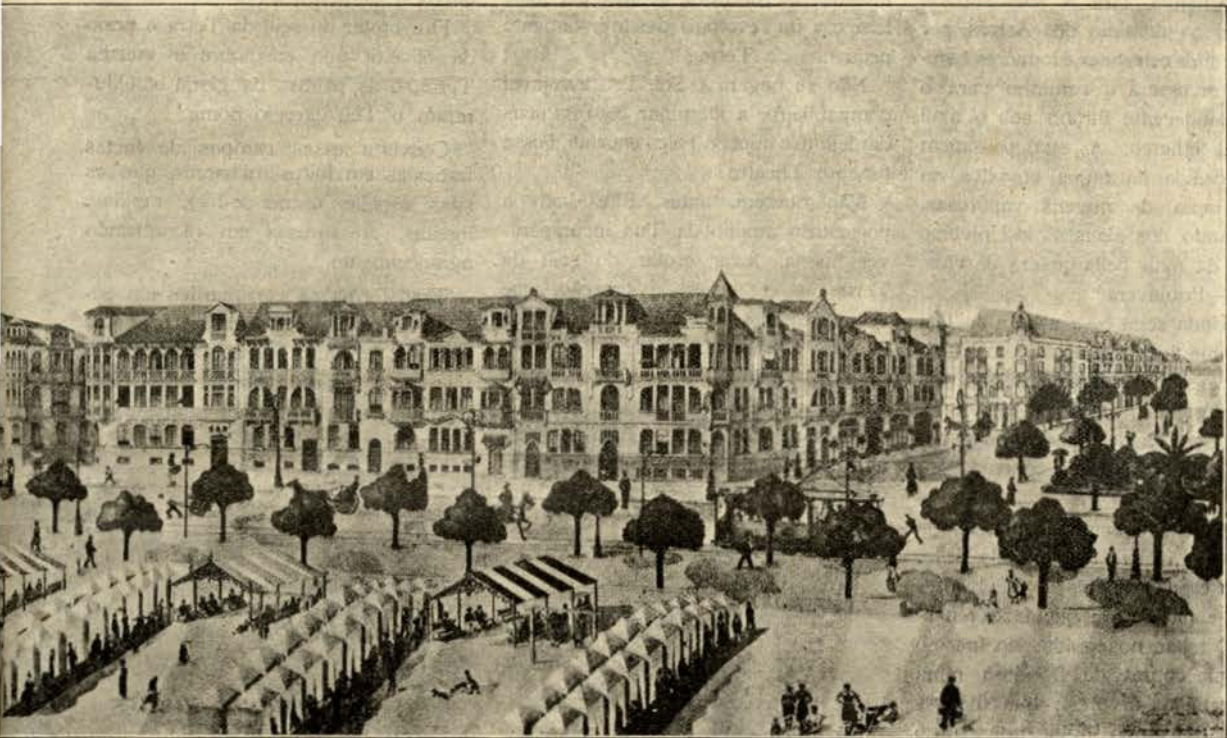
competencias nacionaes e estrangeiras que o tẽem visitado.

É, pois, este distincto artista o auctor do grandioso projecto de agora, a «Avenida dos Banhos», para a qual já tambem tem projectadas trinta e tantas casas particulares e um elegante Balneario, para banhos do todas as especies.

A verdade é que, apesar da Povia de Varzim já ser muito procurada por banhistas portuguezes e hespanhoes,

todas as comodidades e bem estar, que hoje toda a gente quer ter, mas, dar ao local um conjunto de aspecto grandioso e variado. Por isso, procurou, quanto possivel, fazer variar os projectos, dando-lhe, na sua quasi totalidade, uma estilisação baseada na arquitetura tradicionalista portuguesa, empregando, motivos decorativos n'essa conformidade, e, isto sem forçar a despezas exageradas com materiaes caros, pois não se esqueceu, que se

nosso paiz. Talvez algum dia nos occupemos d'este interessante assumpto, bastando-nos por agora dizer que não só as estancias balneares chamam turistas, quando tẽem as comodidades, o conforto, o luxo mesmo, e os divertimentos de toda a especie. Ha tambem as estações de aguas, as estações de repouso, as grandes altitudes, que é preciso aproveitar, como na Suissa e n'outros paizes, e que tẽem feito a sua fortuna, apesar das suas condições



faltam-lhe habitações e as que existem para alugar a esses banhistas sofrem em geral da falta de boas condições de conforto e até de hygiene, não querendo isto dizer, que as não hajam, em absoluto n'essas condições, mas são, relativamente, em pequeno numero.

Com a construção da nova Avenida tudo mudará, pois que a sua extensão é enorme e tem espaço para se construir centenas de predios.

As construções até agora projectadas, são construções ligeiras, proprias das estancias balneares. Cada pavimento é para tres familias. Umahabitação, são, relativamente modestas; outras, porém, são luxuosas, tendo, no emtanto, todas elas, casas de banho e outras condições de conforto e hygiene e sendo todas independentes.

O distincto artista que concebeu estes numerosos projectos, teve em vista não só fazer umas construções modernas e hygienicas, oferecendo aos banhistas

se exigia uma obra de tal importancia, devia tambem procurar-se fazer a o mais economica possivel. Para isso suprimiu, quasi por completo, as cantarias aparelhadas, que, são, em regra, a parte mais custosa das construções.

Nos projectos das futuras habitações empregar-se-ha, sem abuso, o azulejo polychromado, para dar um aspecto, como convem, alegre, ás construções. Está, emfim, tudo disposto, não só com intelligencia, como bom gosto artistico, o que não é de somenos importancia, para que a grandiosa obra projectada, seja digna, a todos os respeito, de se lhe poder chamar a mais importante estancia balnear do paiz.

Que a iniciativa da illustrada vereação da Camara Municipal da Povia de Varzim, seja um exemplo a seguir por outras camaras municipaes do paiz, na altura dos seus recursos e segundo as suas condições de local, e, sob este ponto de vista, muito ha a fazer, em Portugal, para chamar o turismo ao

climatologicas estarem muito longe das do nosso lindo Portugal, que a Natureza dotou como nenhuma outra parte do mundo, faltando-lhe apenas quem tenha tido energia para trabalhar e fazer-lo progredir.

N. COLARES.

Monumento a Emygdio Navarro no Luzo

UMA comissão composta de varios membros da Delegação da Sociedade Propaganda de Portugal, no Luzo, tomou a iniciativa de erigir n'aquella linda villa, um monumento ao fallecido conselheiro Emygdio Navarro, como testemunho de gratidão pelos importantes beneficios que o grande estadista lhe dispensou.

Para esse fim acha-se aberta uma subscrição na sede da referida Sociedade, devendo muito em breve começar os trabalhos para essa obra, representativa d'uma justa consagração e que perpetuará a memoria de quem tanto amor mostrou por uma das nossas mais bellas estancias thermaes.

ARTE E LITERATURA

PRIMAVERA!

DE MARIO DE MONTALVÃO

E LA chegada.
Amanhã fará a sua entrada triumphal no dominio dos Astros, por entre hymnos celestiaes e louvôres bemitos. Atravessará o caminho para o seu resplandecente throno sob o azul do docel ethereo. A sua passagem será precedida de anjos envoltos na branca rama de nuvens vaporosas, annunciando aos deuses do Universo o inicio da mais bella quadra da vida.

Salvé—Primavera!

Bem-vinda sejas!—e a hora da Tua entrada que fique esculpida com letras impereciveis no marco millario da nossa existencia, como a maior, a mais gloriosa, a de mais fremente desejo e a que mais anciosamente é esperada!

Tu—Deusa sobegina—cuja magia só é comparavel á Tua excelsa belleza; que és a Mãe dos seres viventes no Ceu e na Terra; que fazes renascer as florsitas nos prados ao mesmo tempo que cobres de frondosa rama as descarnadas arvores; que matisas os campos com o brilho intenso do Sol teu companheiro, e que tens o poder sobrenatural de tornares os rugidos das tempestades em deliciosos gorgeios de aves; Tu, bella e divina estação: não deixarás, certamente, de pôr termo a essa calamidade que devasta os campos, á barbaridade que, em arrancos selvagens, tem dizimado os teus amplos dominios.

Vem, e faz seccar as lagrimas, doridas e sangrentas, que sem uma simples attenuante de beneficio tem vertido tantas almas cruentemente alcanceadas!

Seja o fim d'essa hecatombe a surpresa que o teu manto nos encubra.

— E porque não?

Como poderá albergar-se sob esse diaphano Ceu de estrellas rutilantes, outras benções que não sejam as da paz, da concordia, da felicidade humana?!

Como poderão os Teus astros de

esmalte puro, onde scintillam as sublimidades da Natureza, acolher por mais tempo a ira revoltada dos infinitamente pequenos da Terra?!

Não se negará o Sol, Teu invejavel companheiro, a illuminar com os seus dardejantes raios, o palco enorme d'esse funebre Theatro?

Não quererá, antes, Elle, com o portentoso auxilio da Tua incomparavel magia, fazer brotar do seio da Terra, as essencias da criação, que velar o triste sepulchro em que os homens a transformaram?

—Oh! Tu linda Primavera d'encantos: que és a mais sensível manifestação de toda a vida: Tu, que em tí personificas a bondade, que nos teus infantis sorrisos denuncia a candida virgin-

dade do bem e a deliciosa esperança d'um risonho porvir, não consentirás que tanta calamidade, tanta desventura, tanta miseria perdure no teu consulado. Tu, que és a Fada protectora dos desgraios do Mundo, que és q bafó confortavel na gélida senda da humanidade e a sua aurora libertadora! —acode-lhe uma vezmais! vem transformar a lucta em paz, o odio em amôr, a ruina em riqueza!

Faz brotar do seio da Terra o ramo da oliveira que ensombre a mesma Terra, e as palmas da gloria emolduraram o Teu egregio nome!

Converte esses campos de luctas fraticidas em loiros milharaes, que as suas espigas erguer-se-hão, rapidas, ligeiras, pressurosas em reconhecido agradecimento.

Transforma as espingardas em enxadas e os canhões em charruas, e os homens, por fim, galvanisarão no teu manto as flores da bonina branca das campinas e a Humanidade abençoará a tua passagem!

UM NINHO

DE AFFONSO SIMÕES

Sabeis o que é um ninho, esse pequeno lar
Onde a ventura móra em noites de luar,
Onde a brisa suspira e canta a cotovia
Desde o romper da aurora ao declinar do dia?
Sabeis o que é um ninho em dias estivaes,
Perdido no rumor dos bastos salgueiraes,
A' borda d'um riacho alegre, saltitante,
Que vae de pedra em pedra até morrer, distante?
Sabeis o que é um ninho inundado de sol,
Onde desperta o melro e dorme o rouxinol?
Não, não o sabeis! Pois bem. Juntae toda a ventura
Do vosso lar ditoso: os beijos, a teruura
D'uma extremosa mãe, os cuidados d'um pae,
Os risos d'uma irmã que tanto vos distrae,
Um doce olhar de avó, vaidosa no carinho,
E ficareis sabendo o que se chama um ninho.

GALERIA DAS ARTES

ERA este o titulo d'uma exposição permanente de arte, que, até ha pouco, se achava installada no salão da photographia Bobone, onde se abrigaram trabalhos de artistas, novos na vida, no pensamento e nas ideias.

N'ella figuraram diversas telas e obras em ceramica, originaes de auctores recém-vindos da sua educação artistica, que se associaram e cotizaram para manter uma exposição permanente, onde os seus idealismos, consagrados no quadro e na figura, pudessem ser admirados e adquiridos.

Não é nosso intento fazer uma apreciação posthuma d'essa exposição que — não sabemos porque motivos — deixou de existir; mas o nosso desejo é, muito simplesmente, avaliar o facto pelo que elle tinha de beneficio como factor economico para os interessados, e, ainda, pelo que representava como subsidio para o nosso acanhado meio artistico.

É, pois, sobre estes dois pontos que vae incidir a nossa especial analyse.

As exposições em Portugal, manifestam-se como as modas para uso do sexo feminino — tem o seu tempo e a sua época propria. Fóra d'essa quadra, quem quizer aquilatar do nosso valor artistico contemporaneo, não tem onde o possa fazer, e só os grandes mestres de pintura mantem os seus *ateliers*. Os pequenos — aquelles que não tem recursos para sustentarem o luxo e a conveniencia de terem uma officina propria e que se dedicam ao seu trabalho na simplicidade modesta dos seus quartos — esses, não podem fazer admirar os productos da sua sensível imaginação, em recintos apropriados, limitando-se, quando muito, a exporem dispersos pelas montas dos estabelecimentos seus conhecidos, as obras que sacrificadamente realisaram.

Isto no que respeita a pintura.

Nos capitulos de desenho e escultura, nada se vê, nada se sabe e ninguém conhece os artistas portuguezes — salvo os que se acham de ha muito consagrados. E tantos outros, humildes, pequenos de recursos, mas grandes de talento, ha por esse Paiz fóra!!!

A *Galeria das Artes* destinava-se a unir as pequenas parcelas artisticas que se achavam dispersas, a fim de fazer um conjunto apreciavel. N'ella tinham ingresso: o pintor, o escultor, o desenhador, todos emfim que se dedicam á gloriosa senda das bellas-artes, mas que o infortunio proprio não dá alento para grandes commettimentos; procurando-se na permanencia da expo-

sição dos respectivos trabalhos que os seus auctores fossem conhecidos, que as suas obras fossem apreciadores e compradores; nascendo d'ahi o estimulo para novas producções mais correctas ou mais originaes, mais interessantes ou mais artisticas, e o incentivo para o estudo, para o aperfeiçoamento, para o amor da Arte, que tanto notabilisa os grandes centros e as proprias nacionalidades.

A *Galeria das Artes* representava-se exuberantemente sob dois aspectos: o moral e o economico. Como porem, a sua existencia era — a nosso vêr — de resultados proveitosos, ella foi ephemera como a das celebres rosas de Malherbe... para que se não distinguisse do fim fatidico de todas as boas iniciativas que vêem a luz sob o nosso Céu.

Não sabemos as razões por que ella acabou; mas cremos que não seria esse resultado motivado pelas benevolentes apreciações dos *mestres* que, esgravos da sua escola, não podem admitir idealismos que elles consideram utópicos. É natural filiar-se o fim d'essa exposição, talvez, em uma má administração.

Sejam, porem, quaes forem as razões que lhe terminaram a sua existencia, o facto é que ella devia merecer a attenção de quem pode dar-lhe remedio, pois julgamo-la sobejamente digna de ser attendida pelo que representa como factor social.

Não faltam em Lisboa salões que podiam ser *cedidos gratuitamente* — ou sob uma pequena commissão na venda dos trabalhos — para se manter a *Galeria das Artes*, cujo nome propriamente convida todos os artistas a ella concorrerem com as suas produções. Alem d'essa empresa constituir uma obra altruista e dignificadora, servia, ao mesmo tempo, para se avaliar da grandeza do nosso genio e de valioso auxilio e de precioso incentivo para os novos e para os modestos, de estimulo para tantas habilidades que se encontram dispersas pelo nosso paiz e, ainda, de acolhedor protecçionismo para os que, tendo vontade de trabalhar e desejando mostrar que o sabem fazer, não tem onde possam exhibir as suas faculdades.

Nos paizes onde as boas intenções se manifestam com o promettedor futuro dos nossos novos artistas, estes teriam uma larga e expontanea protecção, quer fossem futuristas, naturalistas, materialistas ou realistas. Aqui... fazem-se apreciações desconchavadas e criticas acerbas sobre os trabalhos alheios, procurando-se mais

entorpecer qualquer iniciativa principalmente se é boa, do que auxilia-la para o seu bom exito. É um feito que devemos fazer por arredar de nós, com a consciencia de podermos ser util ao nosso irmão, filho da nossa Patria e alimentado pelo sangue do mesmo corpo, que é a nossa Terra.

É necessario reagir contra o mal, que tudo quer avassalar.

A *Galeria das Artes* deve continuar a existir: e se não o pôde fazer por falta de forças proprias, os interessados que combinem e solicitem a protecção official que lhes possa ser dispensada, se o auxilio particular se recusar a prestar o seu concurso, que nos parece mais do que do interesse proprio — mas do interesse nacional; sendo obvio justificar esse nosso parecer.

Como o nosso unico fim é tornar grande e conhecida a nossa querida Patria, cantando todas as suas bellezas, descrevendo o que n'ella ha de bom, de util e de agradável, não podiamos deixar de fazer esta referencia a um facto que julgamos complementar para a nossa vida social e que merece as maiores attensões nos paizes que procuram tirar do turismo todo o proveito que é possível, e dar ás Artes o seu justo valor.

Gymnasio Club Portuguez

PARA solemnizar o 42.º anniversario da sua fundação, realisou esta importante colectividade um sarau desportivo, que decorreu com um brilho excepcional.

As classes infantis de gymnastica e de dança portaram-se com absoluta correcção; e as poses de estatuas realisadas por varios socios, foram motivo de fartos aplausos. Outros numeros houve, como sejam: jogo de pau, esgrima, argolas, vóos e saltos, que provocaram o entusiasmo da enorme e selecta assistencia. Manuel da Silveira, o grande campeão de Portugal, e *recordman* do mundo fechou o magnifico programa levantando pesos, com aquela força herculea que toda a gente lhe conhece. Foi aplaudido delirantemente.

O sarau fechou com um baile que se prolongou até dia claro.

Exposição de photographias da guerra

DEVE, na presente semana inaugurar-se, na Sala «Lisboa» da Sociedade de Geographia, uma exposição de ampliações photographicas de assumptos navaes e militares da presente guerra, em numero de 178 exemplares, que foram gentilmente cedidos pelo Governo Britannico.

O preço da entrada, 20 centavos, assim como qualquer lucro proveniente da venda de catalogos, revertirá a favor da Cruz Vermelha Portugueza.

Está-se tratando de expor estas ampliações, em seguida, no Porto.

HOTELS DA PROVINCIA

Diz um velho rião que «agua molle em pedra dura tanto dá até que fura...» E' este o nosso lêmna. Por isso aqui estamos de novo, frescos, como o soldado que entra de sentinella, attentos a todas as manifestações que nos podem attrahir o espirito e aguardando com a vista os movimentos que se produzam em nosso redor, mostrando que não desanimamos nos nossos propositos e que os dois nossos anteriores artigos não foram, apenas, simples fogos de vistas...

Dissémos n'elles que os hotéis das nossas provincias teem uma cabal importancia no desenvolvimento do turismo em Portugal, e persistimos n'essa nossa affirmação, aliás sufficientemente baseada nos documentos e publicações officiaes e defendida por toda a gente que não olha apenas aos interesses particulares, mas ao bem geral.

E não só no nosso Paiz assim se pensa, mas no estrangeiro—principalmente na França, paiz de turismo por excellencia—a vida dos hotéis da provincia e de todos em geral, é objecto da mais cuidada attenção. Para o confirmar, basta trasladar a parte da acta da assembléa geral, realisada em 17 de Dezembro ultimo pelo *Touring Club de France*, referente ao capítulo *Hotéis*, e que vamos pôr sobre os olhos velados dos luzos edis, para assim os despertarmos do esparso apathico que os envolve.

Diz esse valioso documento, que vem publicado no ultimo numero da *Revue Mensuelle* órgão d'aquelle importante Club:

«—Dois objectos se impõem sobremaneira ao nosso estudo: a questão hoteleira e a de propaganda.

—Por um lado, torna-se necessario libertar a nossa (franceza) industria hoteleira da supremacia allemã, assegurando-lhe os recursos financeiros que lhe são indispensaveis, e dar-lhe um pessoal inteiramente francez.

—Por outro, é condição essencial combater a propaganda allemã no estrangeiro em favor das suas estações thermaes, que elles classificam as melhores do mundo, e dos seus logares, a que dão o nome de «os mais bellos do Universo». Tal é a missão que devemos cumprir

Devido á influencia do nosso Comité hoteleiro, os Ministerios da Instrução Publica e do Commercio crearam, de commum accordo, um curso hoteleiro, dividido em curso superior e curso subalterno. Fundaram-se escolas com o concurso das communas

e das Camaras de Commercio e creou-se uma Caixa dos Amigos das escolas hoteleiras, destinada a recolher as sommas necessarias á fundação e manutenção das mesmas escolas.

—Na mesma ordem d'idéas—diz a acta: «fomos muito felizes por podermos estabelecer, este anno (1916) um accordo entre os diversos grupos representativos da industria hoteleira, não só para reunir n'uma unica scintilla as forças dispersas até o presente, mas, tambem, para realizar—n'uma palavra—a *União Sagrada da hoteleira franceza*, graças á qual a industria hoteleira poderá, de futuro, fazer valer os seus direitos perante os poderes publicos.

«Sufficientemente provida com pessoal francez e alimentada por capitales francezas, a industria hoteleira poderá sustentar effizaz e victoriosamente a concorrência allemã, vendendo assim livre do tributo que ella pagava — *de ce chef* — aos capitalistas allemães, que confiaram a direcção e os serviços dos seus hotéis a patriçios seus, enfatuados e rispídos, os quaes—segundo foi declarado no *Reichstag*—eram os melhores pioneiros da influencia allemã.»

Por hoje julgamos sufficiente esta clara exposição, deixando para um proximo artigo os commentarios que ella nos suggere.

Vilegiatura em Portugal

A Direcção da Sociedade Propaganda de Portugal, desejando facilitar aos excursionistas os meios de poderem organizar os seus planos de viagens, publicou uns folhetos, nos quaes se condensam as indicações indispensaveis relativas a pontos de vilegiatura, attrahindo a attenção dos viajantes para o que se torne mais digno de ser visitado e admirado.

E' esta uma boa idéa posta em pratica pela referida Sociedade, e que, certamente, terá o mais agradavel acolhimento.

CONSULTAS

Esta secção é destinada a consultas dos nossos estimados leitores, sobre viagens, excursions, hotéis a preferir, trajectos a precorrer, e sobre todos os assumptos que se ligam com o turismo.

A «REVISTA DE TURISMO» E A IMPRENSA

E' com a maior satisfação que continuamos registando as amaveis referencias que a Imprensa vem fazendo a nosso respeito, pelo que o nosso reconhecimento será perduravel.

O nosso illustre colega «Campeão Regional» do Luso, transcreveu o artigo *Bussaco* do nosso ultimo numero, com palavras muito lisongeiras.

Tambem «O Jornal de Extremoz» transcreveu, em fundo, o artigo *Supressão dos combatos no Sul e Sueste*.

A proposito da publicação do nosso numero anterior, escreveu o respeitavel órgão miguelista da Capital «A Nação» o que a seguir transcrevemos e que muito nos honra:

Revista de Turismo.—Acaba de apparecer o n.º 17 d'esta interessante e patriótica Revista, unica que, no seu genero, se publica em Portugal e que vac tendo uma agradavel accitação por parte do publico.

Este numero refere-se a 5.º do corrente mez, inscrindo, além d'um interessante texto acompanhado de finas gravuras, uma deliciosa pagina litteraria, onde a sublime inspiração do mavioso poeta que foi Fernando Caldeira, scintilla no seu lindo soneto «O serão», que esmaltinegualmente aquella bella pagina.

Capricha a benemerita empreza da «Revista de Turismo» em continuar na sua senda patriótica, dando-nos sempre n'esse bem feito quizenario, além de artigos de verdadeiro interesse, uma pagina de boa e sã litteratura.

Noticiando a aparição dos seus numeros a «Nação» presta-lhe a homenagem da sua estima, que bem merece quem tanto deseja engrandecer a Patria que de todos nós é.

Bem vinda seja sempre e que conte com o valioso auxilio do publico, são os nossos melhores desejos.

O *Jornal do Commercio e das Colonias*, que tem, tambem, sido da mais louvavel camaradagem, inseriu a seguinte noticia:

«**Revista de Turismo.**—Com a regularidade de sempre, foi publicado o n.º 17 d'esta interessante Revista.

Continua esta Revista mantendo dignamente os seus creditos firmados desde o primeiro numero, não só pela escrupulosa escolha dos assumptos de que se occupa, como tambem pela sua bella execução typographica e artistica.»

A todos manifestamos os nossos mais reconhecidos agradecimentos.

EXPEDIENTE

A «REVISTA DE TURISMO» assigna-se e vende-se na sua administração, Largo da Abegoaria, 28, e em todas as livrarias de Lisboa, Porto, Coimbra e Figueira da Foz.

Anunciam-se gratuitamente n'esta revista todas as obras litterarias que digam respeito ao engrandecimento do paiz.